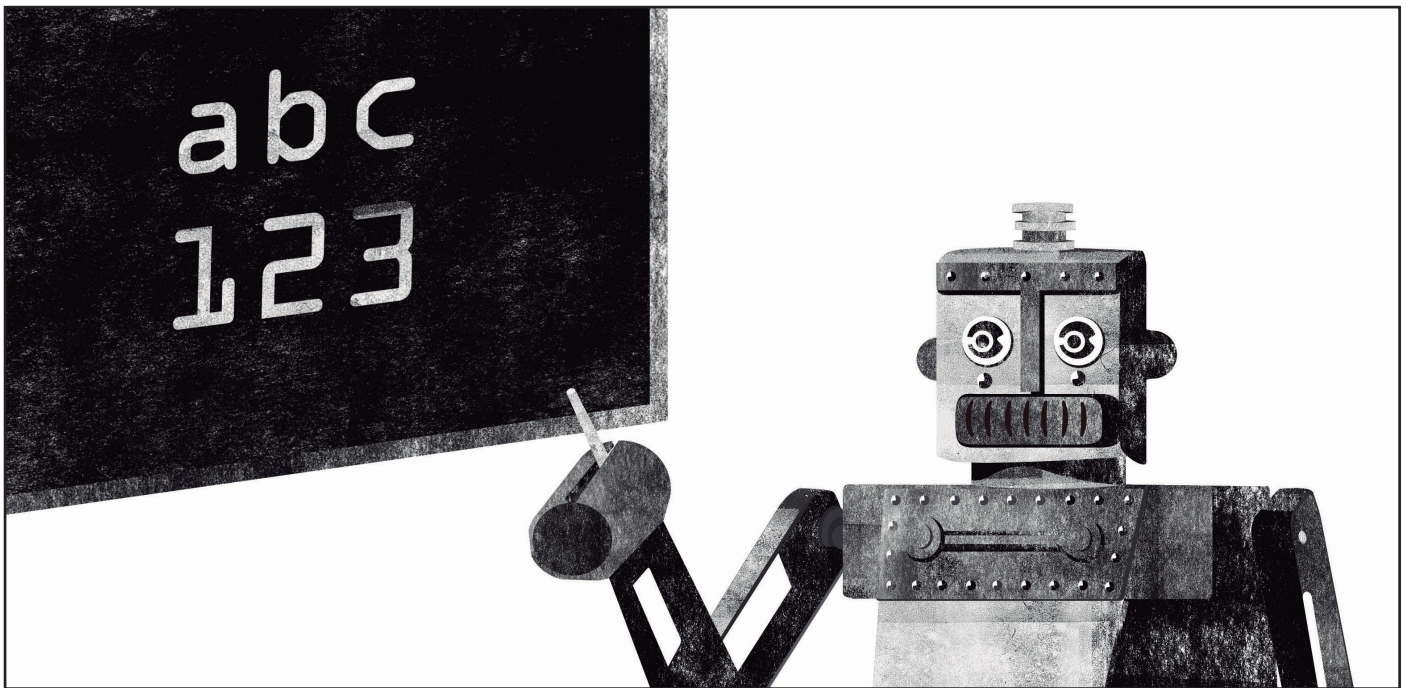


A VOZ ROUCA

que não se cala BH

boletim de trabalhadores da educação

#1



Trabalhadores da educação na mira

Os defensores do projeto escola sem partido entendem superficialmente o papel do professor. Afirmando que precisamos estar completamente neutros para “passar” o que sabemos. Eles condenam os que opinam a partir de suas perspectivas ou os que motivam a discussão e a reflexão sobre a realidade. Além disso, veem o despertar do pensamento crítico como um “abuso” dos alunos, vistos como meros receptáculos vazios que recebem sem pensar o que lhes é dito.

Essa postura não só obriga os trabalhadores a se submeter a uma irreal imparcialidade, como também descredita a capacidade de autonomia de pensamento dos alunos, ou seja, ela desumaniza professores e alunos, tratando-os como máquinas de ensinar e aprender.

O projeto censura nossa humanidade e piora nossas condições de trabalho, pois incentiva a vigilância social a que já estamos sendo submetidos, sob suspeita de sermos doutrinares. Além de toda a cobrança que já nos

é imposta no exercício de nossa profissão, agora estamos trabalhando com medo de nos tornarmos alvo de denúncia dos movimentos conservadores. Mesmo que não vire lei, a perseguição aos professores cria um clima de desconfiança e o receio de falar alguma coisa que desagrade nos faz entrar em sala desconfortáveis.

Para os grandes empresários que avançam sobre o mercado da educação, esse ambiente de insegurança entre os trabalhadores soa promissor e lucrativo. Tentam mecanizar nossos corpos e nos silenciar, para que, receosos, aceitemos calados a nova carga de demandas e a precarização das relações de trabalho imposta por nossos gestores. ■

Quem somos

Em abril de 2018, os donos das escolas particulares de Minas Gerais propuseram alterar a Convenção Coletiva dos professores em mais de 20 pontos, com a intenção de retirar ou modificar muitos direitos conquistados. Com a luta de resistência que se estabeleceu a partir

daí, algumas professoras e professores, junto a outros trabalhadores da educação das escolas das redes privada e pública, estreitaram laços e viram a necessidade de criar uma rede de apoio que se estenda aos alunos e às famílias da comunidade escolar. Entendemos que precisamos nos fortalecer e criar solidariedade dentro de cada escola para que sejamos resistentes, tanto em nosso cotidiano quanto em momentos como os de abril. Estarmos unidos e atentos ao que acontece à nossa volta nos ajuda a compreender e a elaborar questões relacionadas à educação e ao mundo do trabalho a partir de nossa própria perspectiva. ■

#Nós aprendemos com o Santo Agostinho

O caso do Colégio Santo Agostinho é um bom exemplo de uma forma de resistência coletiva e organizada. No início do mês de novembro, a pedido de alguns pais, o Ministério Público entrou com uma ação contra o colégio, exigindo restituição de mensalidade sob a alegação de que o ensino nesta escola conteria “ideologia de gênero”. Imediatamente após esse ataque a direção da escola soltou um documento defendendo os professores e o conteúdo ensinado na instituição e denunciando o absurdo da ação judicial a que está respondendo. Mas o mais interessante foi como os alunos, pais e professores se organizaram e responderam publicamente ao ataque. A comunidade escolar organizou “abraços” ao colégio Santo Agostinho



nas suas quatro unidades, reunindo uma grande quantidade de pais e alunos na defesa pública da escola e dos professores.

Mas o que poucos sabem é que os alunos espontaneamente criaram uma hashtag que tem surtido grande efeito nas redes sociais, a #euaprendinosantoagostinho, a qual os alunos completam com fotos dos bons momentos que vivenciaram na escola e frases que falam sobre o

respeito à diferença, o combate ao preconceito, o carinho e a solidariedade aos professores, a importância de uma educação mais humana, entre outros.

Todos nós aprendemos com a experiência do Colégio Santo Agostinho, pois apenas com solidariedade e coletividade conseguimos resistir aos ataques à educação e aos educadores. ■

Professor, você não está sozinho

Não podemos deixar que a pressão e a vigilância nos impeçam de nos organizarmos.

Mas como fazer isso?

1 Vamos construir solidariedade entre os colegas

Para enfrentar o clima de perseguição, recursos jurídicos e individuais não são suficientes. Nossa maior força está no laço entre os colegas, dentro de cada escola e entre elas. Precisamos nos encontrar, conversar, compartilhar angústias e experiências para criarmos formas coletivas de resistência.

2 Proteja-se mas não se omita

Deixe claro aos alunos que não é permitido registro de áudio ou vídeo sem sua autorização. Se isso ocorrer e algum material for usado contra você, avise a coordenação da escola (se for confiável), acione um advogado para responder com medidas legais ou entre em contato com o Voz Rouca para pensarmos respostas coletivas e organizadas. Apesar desse momento difícil, como professores devemos intervir quando escutarmos os alunos reproduzindo discursos de ódio contra outros alunos ou professores. Não caia em provocações e mantenha a calma, mas não deixe de se posicionar com argumentos e sem intimidações. Deixe claro que em uma instituição de ensino não há espaço para discursos de ódio e

discriminação. Caso o conflito se intensifique, acione a coordenação e requisite uma intervenção para que isto não se repita. Também converse com seus colegas, sua versão dos fatos precisa ser registrada.

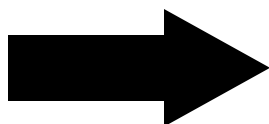
3 Defenda suas condições de trabalho e não deixe que a instituição se omita

O aumento da vigilância contra os professores serve para impedir que nos organizemos para reivindicar nossos direitos e melhores condições de trabalho. Por isso, o movimento deve ser contra os casos de perseguição e exigir respostas da instituição em nossa defesa. Mas podemos ir além, agindo contra a precarização do nosso trabalho em todos os aspectos, defendendo a convenção coletiva no caso das escolas particulares, resistindo à

progressiva piora das condições de trabalho no ensino público e nos organizando contra ataques aos trabalhadores da educação, como a Reforma da Previdência.

4 Fortalecer laços entre pais, alunos e professores

Devemos deixar claro a toda comunidade escolar que a piora das condições de trabalho dos professores, o medo e a desconfiança no ambiente escolar apenas prejudicam o ensino e aprendizado na sala de aula. Uma das consequências desse movimento conservador é o rompimento do vínculo entre família e escola, alunos e professores. O envolvimento dos estudantes e de suas famílias nas mobilizações é fundamental, como ocorreu no Colégio Santo Agostinho. ■



Roda de conversa: Trabalhadores da educação na mira
Praça da Assembleia, dia 09/02, às 15h.